

A Herança dos Castanheiras

Autor: Reinaldo Duarte Castanheira

Nos muitos papéis guardados, nas coisas de meu Pai, encontrei uma pasta de correspondências que me motivou contar uma história ocorrida há 60 anos passados. Uma inexistente e hipotética herança dos Castanheiras, que ganhou divulgação na imprensa nacional e também em Portugal. Estávamos no final ano de 1960. Toda a história tem início quando nosso irmão mais velho, José Álvaro, médico formado pela UFMG (1953), clinicando em nossa cidade (Conselheiro Lafaiete), atuando na área de Clínica Geral. Com o passar do tempo, identificou uma área da medicina, com a qual tinha afinidade profissional: Psiquiatria. Resolveu fazer uma especialização. Orientado e assistido por professores, foi para o Rio de Janeiro, trabalhar numa Clínica psiquiátrica, no Engenho de Dentro *.

José Álvaro, solteiro, residia em nossa casa em Lafaiete. Depois de sua estada no Rio, retornou ao trabalho, atendendo regularmente no Consultório e nos Hospitais da cidade.

Num dia de Novembro de 1960, ao chegar em casa para o almoço, nosso Pai conversa com o José Álvaro sobre uma carta que recebeu de um senhor, que se apresentava como advogado, de nome “Dr. Henrique Montalvão de Albuquerque”. José Álvaro leu atentamente a carta. Identificou, no texto, algumas palavras “críticas”, que revelavam algo psicótico. Pediu para ver o envelope, para identificar onde a correspondência foi postada. Para corroborar sua suspeita, a carta foi postada numa Agência de Correio, vizinha da Clínica Psiquiátrica, onde trabalhou. Esta carta lhe pareceu uma fraude (“brincadeira”). “O senhor não deve dar crédito ao que nela está descrito.”

Tio João, irmão de nosso Pai, morava na cidade e passava lá em casa, com freqüência, para visitar-nos. Nosso Pai, “brincou” com o irmão. Veja esta carta: “você vai ficar muito rico”. Explicou a brincadeira. Tio João viu a oportunidade de mostrar a carta para o outro irmão, Tio Francisco que morava em Belo Horizonte. “Me empresta esta carta que o Francisco vai se divertir com a história”. Te asseguro devolvê-la”. Tio João foi a BH, e Tio Francisco providenciou fazer uma cópia fotostática da carta (não existia Xerox). Conforme combinado, Tio João devolveu a carta ao nosso Pai.

Tio Francisco resolveu, por “diversão”, mostrar a cópia da carta para um jornalista, seu amigo, que trabalhava no Jornal DIÁRIO DE MINAS. A matéria era “sensacional”. Deu destaque numa reportagem que repercutiu pra todo o Brasil e em Portugal. Afinal são várias famílias Castanheira pelo Brasil.

*José Álvaro fez a pós-graduação em psiquiatria em Madri, na Espanha. Conseguiu uma bolsa de estudos, através de seu professor Clóvis Salgado, ministro da Educação e Saúde do Presidente Juscelino Kubitschek.

A carta recebida por nosso Pai:

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1960.

EXMO. SR.
DR. ALVARO CASTANHEIRA
CONS. LAFAIETE
ESTADO DE MINAS GERAIS

Prezado Senhor:

Advogado que sou dos herdeiros das Irmãs Castanheira, recentemente falecidas na Ilha da Madeira, verifiquei que além dos herdeiros residentes em Portugal, existe o ramo Castanheira, com muitos descendentes no Brasil, vejo-me por isso na necessidade de levantar a árvore genealógica da família, a fim de poder bem cumprir a minha missão, estando atualmente no Brasil, tratando desse mister.

No Rio de Janeiro fui informado da existência de herdeiros em Conselheiro Lafaiete, São João del Rei, Leopoldina, Queluz de Minas, lugares esses que pretendo visitar oportunamente.

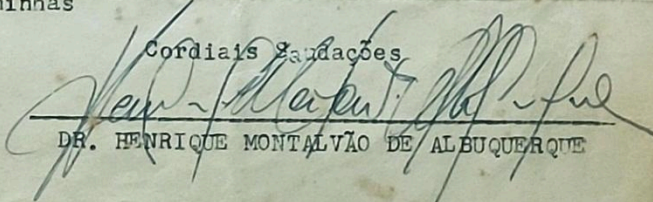
Entretanto, aqui chegando, encontrei um telegrama chamando-me a Portugal, o que me impede de ir a sua cidade, colher os dados de que preciso. Formulo, por isso, a presente, para solicitar de V.S. a gentileza de me fornecer os nomes de todos os membros da família Castanheira, dessa cidade, a fim de que eu possa fazer a habilitação dos mesmos na herança deixada pelas referidas senhoras.

Trata-se de uma fortuna muito grande, acumulada em gerações e avaliada em cerca de 2:000:000:000\$000, representada por terras em diversos países, prédios em Lisboa, Paris, títulos de bancos, etc.

Dentro de 2 (dois) meses, portanto, deverei voltar ao Brasil e nessa ocasião, visitarei também Lafaiete, onde terei o prazer de estar com V.S.

Esperando contar com seus valiosos e indispensáveis préstimos, subscrevo-me grato, apresentando-lhe minhas

Cordiais saudações.


DR. HENRIQUE MONTALVÃO DE ALBUQUERQUE

Confirmado: Antônio Castanheira recebeu mesmo carta do advogado Português

Texto de Hélio FRAGA

Está confirmado: um dos supostos herdeiros, residente em Conselheiro Lafaiete, recebeu uma carta do advogado português Henrique Montalvão de Albuquerque. Em correspondência endereçada a Bento Castanheira, igualmente presumível descendente das solteiras Castanheira, o sr. Antonio Castanheira disse que, de fato, em 28-11-60 o caudilgo lusitano lhe escreveu, solicitando sua ajuda no levantamento da árvore genealógica da família Castanheira.

Tal confirmação, que o DIÁRIO DE MINAS publica hoje, constitui-se numa prova a mais, que vem evidenciar um fato: o advogado Montalvão de Albuquerque está investigando a descendência das ermitãs da Ilha da Madeira, e, tal como aconteceu, veio ao Brasil para pesquisar. E, enquanto não volta, muitos esperam por ele.

PEDIDO DE ESCLARECIMENTOS

O sr. Bento Castanheira, residente em São João Del Rei, enviou ao sr. Alvaro Castanheira uma carta, indagando dele se realmente havia recebido uma correspondência do dr. Henrique Montalvão de Albuquerque. Eis os termos da missiva, datada de 4-1-61:

Embora ainda não tenha tido o prazer de conhecê-lo pessoalmente, venho, por meio desta carta, solicitar-lhe informações sobre a suposta herança das 3 irmãs Castanheira, falecidas na Ilha da Madeira, o que tanto tem noticiado a imprensa de Minas e do RJ, de Janeiro. Desejo saber de V. S. se, de fato, recebeu alguma comunicação sobre esse assunto, pois é grande o número de parentes e amigos a me solicitarém esclarecimentos sobre esta herança. Em vista dos últimos acontecimentos, peço ao nobre amigo uma informação detalhada sobre a questão, mandando-me, se possível, cópia de alguma carta que tenha recebido, ou mesmo o original da própria carta, se houver, a qual ser-lhe-á devolvida posteriormente. Para o fim a que se destina minha solicitação, há necessidade de uma resposta breve do amigo, razão pela qual espero contar com a sua boa vontade nesse particular".

A CONFIRMAÇÃO

Em resposta à solicitação do herdeiro Bento Castanheira, o sr. Antonio Castanheira, de Conselheiro Lafaiete, assim se expressou:

"Recebi uma carta datada de 28 de novembro p. passado, a mim enviada pelo dr. Henrique Montalvão de Albuquerque, cuja assinatura não se entende, apenas se traduz pelo nome dactilografado, por baixo da mesma. A carta conta o caso de uma fabulosa herança de se-

na Ilha da Madeira, já em avançada idade. O dr. Montalvão me disse ainda que estava chegando de Portugal e que já havia recebido, no mesmo momento um telegrama, chamando-o com urgência àquele país, e que regressaria após dois meses, quando então me procuraria para tratar do assunto. Tenho, por isso recebido varias cartas de supostos parentes devido que o dr. Montalvão incluiu nos noticiários dos jornais o meu nome como um dos herdeiros, chamando-me doutor. Não sou doutor, não sou formado. Sempre me ocupei no comercio ou na industria. O meu pai e mais dois irmãos vieram para o Brasil em 1875. Em 1926, fui a Portugal para conhecer meus tios, tias e primos. O meu avô se chamava Antonio José Duryães Castanheira. Não pude saber a sua origem e antepassados. A meu ver, se for verdadeira a noticia dessa herança, ela estará vinculada aos Castanheiras de Bom Sucesso, pois já pude observar que naquela cidade existem senhoras com nomes idênticos aos das solteiras falecidas. Entre as cartas que já recebi, destaco uma do sr. Odilon Castanheira (Rua Luz, 155 — BH) que me deu varias informações, entre elas a de que um seu parente, Irajano Castanheira, está elaborando de há muito, uma árvore genealógica da família Castanheira. Passadamente, me julgo muito afastado da possibilidade de fazer parte dessa cobiçada herança. Contudo, aqui estou às ordens".

DESCENDENTES DE LOURENÇO

De Frutal, com data de 16-1-61, estamos recebendo do sr. Amello (Melinho) Barbosa uma carta, contendo informações sobre os descendentes do sr. Lourenço Gonçalves Castanheira.

(Continua na página 12)

[illegible]

A família Costenheira brinda com champanha o início da luta pela posse da herança.

**NO BRASIL OS HERDEIROS DOS
14 BILHÕES DE CRUZEIROS DA
VELHINHA DA ILHA DA MADEIRA**

(TEXTO NA SEXTA PAGINA)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

12/1/1961

Página 14

APARECEM OUTROS HERDEIROS DA BILIONÁRIA PORTUGUESA

"PORTO, Portugal, 11 - Um dos herdeiros da sra. Branca Rosa Castanheira, da Madeira, surgiu inesperadamente nesta cidade, hoje. Estava entre um grupo de leitores do boletim que o "Diário da Noite" afixa em uma de suas paredes da rua, e descobriu com alguma surpresa que Branca Rosa deixou fortuna calculada em 14 bilhões de cruzeiros.

A informação estava contida numa notícia da United Press International, enviada do Rio de Janeiro. Foi colada no "placard" do jornal, porém não teve publicação em diário algum.

O nome do homem é Jorge Durães Castanheira. Nasceu na Madeira e tem uma quitanda na rua das Mercês n. 100, na cidade do Porto.

A notícia do Rio indicava que os bens dos Castanheira, cujos herdeiros estão sendo localizados, incluem terras em vários países, ações e papéis vários, além de edifícios em Lisboa e em Paris.

Jorge tem 28 anos. Disse ter sabido que Branca Rosa regressou à Madeira e que ali faleceu.

Pouco depois outro parente interessado surgiu em Vila Nova de Gaia, centro produtor de uvas, que fica ao lado oposto da cidade do Porto, por efeito do Douro.

Identificou-se como Tomás Augusto Castanheira, residente na rua Alvares Cabral 113, em Gaia. Tem 50 anos.

Tomás confessou que tem poucos dados sobre a árvore genealógica, porém indicou que sua mãe, ora com 93 anos, e que vive em Carregal do Sal, nas proximidades de Vizeu, poderá esclarecer tudo. Disse que tem um primo advogado "em algum lugar" de Portugal que tem a genealogia da família na ponta da língua.

Ambos os pretendentes são descendentes de irmãos da falecida, uma solterona. Portanto, na ausência de descendentes diretos, participam na herança, de acordo com as leis portuguesas. (UPI)"

E as correspondências para nossa casa não paravam de chegar. Algumas hilárias, esta vinda do Pará: “desde criança temos plantação de castanhas e, portanto, somos Castanheira”. A grande maioria descrevia, muitas de forma manuscrita, um pouco dos nomes dos avós e suas histórias.

Nosso Pai passava parte do dia, datilografando, com papel carbono, respostas assinadas (padrão) a cada carta que chegava. Uma tarefa sem fim.

Conselheiro Lafaiete, 11 de Janeiro de 1961.

Ilmo Snr

Cumprimentos cordeais e votos de feliz Ano Novo.

Recebi sua carta respondendo: o Dr Henrique Montalvão de Albuquerque, me escreveu uma carta datada de 28 de Novembro p. passado, me informou a respeito de uma fabulosa herança, na Ilha da Madeira, deixada por três irmãs solteiras. O Dr Montalvão não me deu seu endereço, apenas me informou que estava de regresso a Portugal, onde foi chamado por telegrama, e que dentro de dois meses estaria de volta e nessa ocasião me procuraria para tratar do assunto. Já tenho recebido varias cartas de supostos herdeiros das Irmãs Castanheira, da Ilha da Madeira, porque o Dr Montalvão em noticiarios de jornais, citou o meu nome, como provavel herdeiro certamente.

O meu pae e mais dois irmãos, vieram para o Brasil no ano de 1875, eram da Província da Beira Alta. Quando estive em Portugal, em 1926, não pude, por curiosidade, localizar antepassados de meu avô, e não tive mesmo noticia de sua origem. Me julgo por isso, muito afastado da possibilidade de ser contado entre os contemplados.

Se o Dr Montalvão, cumprir a palavra de vir até aqui em minha presença, a ele entregarei a correspondencia que tenho recebido e respondido tambem, para subsidio á tarefa de genealogia da familia Castanheira, que a mim, ja parece, que serão os mais provaveis herdeiros, os de Bom Sucesso em Minas Gerais. Isso é tarefa do Dr Montalvão. Atenciosamente

Alvaro Castanheira
Alvaro Castanheira

E, por vários dias seguidos, recebia em casa, pessoas que se apresentavam como advogados dos pretendentes, para receber orientação do que fazer para se habilitar e sua família na pretensa herança. Certamente o Dr. Henrique não existiu e não mais se manifestou. **A herança foi um blefe.** Ou numa linguagem atual, um “fake news” com mais de 60 anos.

Um comentário final, na leitura das dezenas de cartas recebidas, constatamos que, a exemplo da vinda de nosso avô e dois irmãos para Minas Gerais – Barbacena, Lafaiete, Congonhas e Ponte Nova. Na maioria das cartas, mostravam a preocupação de dizer sua ascendência Castanheira. Não tive e nem tenho interesse em “montar a árvore genealógica” a partir das correspondências recebidas. Mas foi um acontecimento ...